

## O ARQUÉTIPO DA TRADUÇÃO GALEGO-PORTUGUESA DA ESTOIRE DEL SAINT GRAAL À LUZ DE UM TESTEMUNHO RECENTE

Simona Ailenii\*

O fragmento da *Estória do Santo Graal* (equivocamente designada *Livro de José de Arimateia* pela crítica contemporânea) recentemente descoberto no Arquivo Distrital do Porto<sup>1</sup> testemunha, em conjunto com os fragmentos do *Livro de Merlin* e do *Livro de Tristan*<sup>2</sup>, o processo de tradução para galego-português, nos séculos XIII-XIV, do ciclo arturiano em prosa. Para além dos indícios materiais da sua antiguidade, que se revelam de extraordinária importância para o apuramento da cronologia e geografia da difusão da literatura arturiana na Península Ibérica, este fragmento contém matéria narrativa que é possível colocar no seu todo em confronto com a redacção integral da *Estória do Santo Graal (LJA)* preservada em cópia datada do séc. XVI no Ms. 643 da Torre do Tombo<sup>3</sup>.

---

\* Estudante de doutoramento da Faculdade de Letras da Universidade do Porto / Universidade "Alexandru Ioan Cuza" Iasi, Roménia. Bolseira da Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH / BD / 36453 / 2007). Agradecemos ao Prof. José Carlos Ribeiro Miranda o auxílio prestado na redacção do presente trabalho.

<sup>1</sup> O historial deste bifólio pergamináceo do Arquivo Distrital do Porto (NOT / CNSTS 01 / 001 / 0012), descoberto em 1992 e dado a conhecer ao público em 2007, pode ler-se em Dias (2007); BITAGAP: <http://sunsite.berkeley.edu/PhiloBiblon> (12.XII.2008).

<sup>2</sup> Do *Livro de Merlin* e do *Livro de Tristan* conservam-se, em galego-português, testemunhos datados do séc. XIV. Cf. Lorenzo Grádin/ Souto Cabo (2001). Existem, contudo, redacções tardias do *Livro de Merlin* em castelhano (*Baladro del Sabio Merlin*). Cf. Sharrer (1977).

<sup>3</sup> Passamos a designar o testemunho do séc. XIII, que encaderna um documento notarial oriundo de Santo Tirso e conservado no Arquivo Distrital do Porto, pela sigla ST, e a cópia do séc. XVI da Torre do Tombo, pela sigla TT, já adoptadas em estudos anteriores. Há ainda a considerar a porção deste romance contida no Ms. 1877 da Biblioteca Universitaria de Salamanca, já objecto de estudo comparativo por parte de Ivo Castro, que concluiu tratar-se de um testemunho aparentado com TT (Castro, 1984, p. 360 et ss.).

O objectivo deste estudo é procurar responder às questões mais urgentes suscitadas pela descoberta deste novo testemunho, a saber, (i) que tipo de relação mantém com a redacção portuguesa há mais tempo conhecida; (ii) como se configurava a versão (ou versões<sup>4</sup>) do romance francês do qual descendem; (iii) como se situava essa versão (ou versões) no seio do panorama conhecido do *stemma codicum* da *Estoire del Saint Graal*. Este último propósito apenas poderá levar-nos a conclusões preliminares visto que somente existem estudos que nos fornecem visões muito parcelares da matéria em estudo, estando editados apenas alguns dos testemunhos actualmente existentes.

Com efeito, a *Estoire del Saint Graal*, romance que ocupa a primeira parte do ciclo em prosa da matéria arturiana, conhece versões curtas, longas e mistas, das quais existem vários testemunhos franceses<sup>5</sup>. Todavia, verificámos que as versões curta e mista são as de maior utilidade para os nossos objectivos, como adiante teremos oportunidade de mostrar. Manuscritos destas duas versões constituem também a base das edições mais importantes até agora realizadas desta obra, pelo que a nossa tarefa, tendo em atenção o seu carácter preliminar, se encontra de algum modo facilitada<sup>6</sup>.

No que diz respeito aos testemunhos portugueses, assume-se consensualmente ter a primitiva tradução sido realizada na segunda metade do séc. XIII<sup>7</sup>. Ora, dada a sua segura antiguidade, o fragmento recentemente tornado público (ST) levanta

---

<sup>4</sup> Ao contrário do que sucede com o apuramento das relações recíprocas entre testemunhos de uma dada obra, em que se impõe a noção de "texto primeiro" como uma evidência, mesmo que se saiba que a possibilidade de o atingir é remota, uma tradução é um estágio intermédio que admite várias origens, ou seja, que essa tradução tenha resultado de mais do que uma iniciativa. No caso vertente, há ainda que ter em conta informações externas que credibilizam essa possibilidade, nomeadamente as alegações contidas num manuscrito quatrocentista castelhano, segundo as quais Afonso X "por si mismo trasladó la Estoria de Ultramar de francés en castellano e fizo trasladar la *Estoria del Saindo Grial* en gallego..." (apud Márquez Villanueva, 2004, p. 117). Nestas circunstâncias, só os instrumentos da colação podem decidir se estamos perante a descendência de uma só tradução ou de várias.

<sup>5</sup> Ponceau (1997, vol. I, pp. xxv-lix).

<sup>6</sup> Referimo-nos à edição de H. Oskar Sommer, *The Vulgate Version of the Arthurian Romances*, vol. I, *Lestoire del Saint Graal*, Washington, The Carnegie Institution of Washington, 1908-1916, tendo por base o manuscrito 10292-10294, Londres, British Museum, datado do início do séc. XIV, que transmite a redacção curta da *Estoire del Saint Graal*; e à edição de Jean-Paul Ponceau, *L'Estoire del Saint Graal*, 2 vols., Paris, Honoré Champion Éditeur, 1997, que tem como base dois manuscritos que transmitem uma redacção mista: Ms. de Amsterdão, Biblioteca Philosophica Hermetica (sem cota) datado do início do séc. XIV e Ms. de Rennes, Bibliothèque Municipale, 255, datado do séc. XIII.

<sup>7</sup> Cf. Castro (1983); Miranda (1998a, pp. 17-18).

fundadas expectativas de estar muito próximo do original dessa tradução, não sendo, à partida, de arredar a hipótese de ser mesmo, materialmente, esse original. A possibilidade de este fragmento constituir, pelo menos, parte de um antecedente da redacção mais recente (TT) foi já expressamente defendida<sup>8</sup>.

Este último testemunho, mesmo não tendo em conta as conhecidas alegações contidas na sua extensa introdução (f. 1v), segundo as quais o seu redactor terá procedido a uma sistemática actualização linguística, é uma cópia tardia que não poderá materialmente constituir um antecedente do fragmento do Porto. É de esperar que, a par com as mencionadas intervenções actualizadoras para as quais o redactor advertiu o seu público, nele se detecte um conjunto de fenómenos de degradação textual, típicos das cópias realizadas num ambiente que já não domina inteiramente nem a *littera* nem a língua dos testemunhos medievais. Mas estes fenómenos nada dizem quanto ao seu antecedente imediato, muito menos confirmam a existência de um estágio intermediário entre si e a tradução original, sobre o qual, todavia, o seu *colofon* efabula de uma forma sobejamente conhecida<sup>9</sup>.

Para a concretização dos nossos objectivos, procederemos, então, a uma colação sistemática dos testemunhos portugueses com os acima referidos testemunhos franceses. A nossa análise focará também aspectos da sintaxe narrativa, das fórmulas, da ocorrência de vocabulário e das estruturas sintagmáticas registadas como marcas do processo da tradução de francês para galego-português. Também aqui não é nossa intenção apresentar um estudo exaustivo, mas tão somente detectar e comentar os factos mais relevantes que os testemunhos em colação evidenciam.

Por comodidade de exposição, dividimos os textos em catorze porções que contêm os mais relevantes pontos críticos identificados. Os testemunhos portugueses foram transcritos a partir dos respectivos manuscritos, embora tendo em conta as edições de que foram já objecto, para as quais se remete na identificação dos excertos transcritos<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> Nascimento (2008).

<sup>9</sup> Sobre o assunto, ver Entwistle (1945, pp. 118-126); Catalán (1962, p. 396); Castro (1984, pp. 92-98).

<sup>10</sup> Para TT, veja-se Carter (1967); para ST, Dias (2007). A nossa leitura de ST diverge de Dias (2007) em alguns pontos cujo elenco fornecemos na parte final do presente estudo, imediatamente depois das conclusões.

---

**GUARECER on-line**

1.

ST p. 60/ll. 1-9	TT p. 163/ll. 24-31	So p. 83/ll. 12-18	Po p. 173/§282.3-16
<p>[ ] <i>de que podya</i>. E ffezeralhe <i>hũa camara</i> [ ] grã jdo[.] que bem coydo[*u] que hũa cou[*ssa] terreal lhe podese achar <i>porta</i>. Entõ mãd[*ou] el-rrey fazer hũu grã <i>ffogo</i> eno paaço, ca lhe prazya de destroy a gram traycom que tâto [ ] a e manteuera. E quando o ffogo ffoy fecto [*m]adou que nẽhũu nõ ffose cõ ele senom <i>Nascyam e a rraynha e Josephes</i> e leuou todos [*tre]s aa porta.</p>	<p>[81v]e jazia el Rey com ela carnallmẽte e <i>vestia muy ricamẽte</i> e fez lhe hũa camara por tal sotyleza que bem cuydava que nhũa cousa terreal lhe pudesse achar <i>paar</i> quãdo el-rrey <i>ysto ouuyõ</i> mãdou fazer huũa grã <i>fugueyra</i> no paço por que lhe prazia destroy a trayção que tamto tẽpo sostyvera e quãdo ho fogo foy feyto mãdou que nhũ nõ fosse com elle senã <i>Nascyãõ e a rraynha</i> e levou hos todos tres e levouos a porta</p>	<p>si gisoit li rois o lui carnelment et le uestoit al plus richement <i>quil pooit</i> et li auoit fait faire vne cambre dont il ne quidoit mie que nus hons morteus peust trouer <i>luis</i>. Lors prinst li rois nascien et la roine et fist alumer . j . grant <i>fu</i> en la sale car il uoloit destruire la desloiaute quil auoit maint ior maintenue . et quant il fus fu alumes si commanda que nus ne remansist el palais que seulement <i>Nascien et la roine et Josephe</i> et il si firent et il les mena a cel huis</p>	<p>gisoit li rois carnelment (...) anchois i avoit fait li rois faire un <i>huis</i> si soutil ke il ne quidoit mie ke nus hom morteus le peüst aperchevoir, tant i seüst esgarder. (...) Tot maintenant apiela Nasciens, son serourge, et la roïne et si dist qu'il lor mousterroit la grant desloiauté qu'il avoit si longement menee. Lors commanda a faire un mout grant <i>fu</i> ens en milieu du palais; et quant il fu bien espris, si commanda sa maisnie qu'il alaissent tout hors, si ke il ne remest en sa compaignie <i>ke Josephé et Joseph et Nascien et la roïne</i>. Lors les mena li rois a l'uis, qui el mur estoit seelés de pierre marbrine; et tout li murs estoit de diverses coulours tains.</p>

Confrontando o texto oferecido por ST com o que é transmitido por TT, verificamos que, no fundamental, seguem uma mesma narrativa sem variantes substanciais, o que, à partida, aponta no sentido de que descendam de uma única tradução. Todavia, notam-se fenómenos de omissão e degradação de lições, sobretudo do lado de TT. Assim, onde em TT se lê "vestia muy ricamẽte", ST, conquanto num ponto em que se manifesta degradação material do testemunho, deixa perceber "...de que podya", o que vai ao encontro da lição "al plus richement quil pooit", que se acha em So, levando a pensar que tal lição estaria já no original da

tradução que ST transmitiria, necessariamente, com mais integridade do que o testemunho lisboeta. Também na parte final deste excerto, onde ST refere a presença de "Nascyam... a rraynha ... e Josephes", concordando com ambos os testemunhos franceses chamados à colação, TT isola-se, omitindo um dos participantes (Josephes).

Fenómenos de actualização linguística são ainda visíveis em TT (ST: "fogo"; So "fu"; Po: "fu"; TT: "fogueira" etc.), para as quais já Aida Dias chamou a atenção<sup>11</sup>, sendo de esperar encontrá-los num testemunho que se afasta cerca de três séculos da época em que se terá realizado o texto que copia. Na linha do que dissemos na introdução, é também em TT que se detecta um maior número de lições degradadas ou de reformulações privativas, muitas delas certamente por deficiente entendimento do antígrafo. Está no primeiro caso: "pudesse achar paar"<sup>12</sup>, que TT transmite contra "podese achar porta" de ST, e "peust trover huis" de So. No segundo caso, o segmento "quãdo el-rrey isto ouyo", constante de TT, não encontra correspondência em nenhum dos outros testemunhos. Lições degradadas, reformuladas ou objecto de actualização linguística são de tal modo frequentes no manuscrito da Torre do Tombo que nos absteremos de as elencar daqui em diante.

Uma primeira abordagem permite, todavia, formular já as hipóteses seguintes: (i) os testemunhos portugueses decorrem de uma mesma tradução; (ii) essa tradução terá sido elaborada sobre um texto que literalmente estaria mais próximo da versão breve representada por So do que da versão mista transmitida por Po. Nos exemplos seguintes procuraremos averiguar se tais hipóteses se mantêm ou se devem ser reformuladas ou matizadas.

2.

ST p. 60/ll. 9-21	TT p. 163/ll. 31-39	So p. 83/ll. 18-22	Po pp.173-174/ §283. 1-13
aa porta. <i>E aquela porta ssarraua ele moy [*s]otilmête. E ele, quando a ssarraua, caya hũu engenho per dentro que a sarraua.</i>	a porta e aquela porta se cerraua sotylmête que quãdo a ele cerrava caya hũ êgenho por dedemtro que a cerrava e quãdo a	<i>cel huis qui fremoit trop soutilment que quant il le fremoit si chaoit vns engiens en maniere de bare et quant il le uoloit desfremet si i metoit</i>	<i>l'uis (...).Chil huis estoit si soutieument fremés ke, si tost com il clooit, si chaoit par dedens uns engiens de fier en guise de bare,(...) Et quant li rois le voloit</i>

<sup>11</sup> Dias (2007).

<sup>12</sup> Dias (2007, p. 17).

**GUARECER on-line**

<p><i>E, quando a el-rrey querya abrir, metya hũu crauo delgado per de dentro que a ssarraua. E, quando a el-rrey querya abrir, metya aquel crauo moy ssotylmente per antre as portas, ca as paredes e as portas eram pyntadas dessũ. E por esto nẽgũa nõno podya entender. E despoys daua d'ũu malho ssua sarradura, ho crauo eergyasse e assỹ se abria. Entõ entrou el-rrey dentro e tomou[1] a lymagẽ[2] ele meesmo aa[*s] costas e deytoua no ffogo ante todos.</i></p>	<p>queria abrir metya hũ prego delgado por amtre as cores porque as paredes e as portas juntamẽte erã pỹtadas e por esto nõ se podia ãtemder por omde se fechaua e depoyos dava cõ hũu malho no cravo e erguyase ho ãgenho dedentro e abria se e depoyos que abrio ãtrou dentro e elle mesmo as suas costas tomou ha ymagem e diamte todos a deytou no fogo</p>	<p>vne clauete et le desfrema puis entra ens et il mismes prinst <i>limage</i> et le porta el fu uoiant aus tous.</p>	<p>ouvrir, si avoit une clavele de fier a meruelles tevene, et, si tost com il le boutoit par entre les jointures <i>des coulours</i> par qui l'entree de la clavele estoit plus desaperchevans, tantost caoit <i>uns engiens</i> de keuvre en samblanche d'un mail sour la premiere bare,el chief derriere, et tantost souslevoit li chiẽs devant et saloit hors du croket ou la bare tenoit; et en cheste maniere entroit ens li rois,[...] si prist il meĩsmes <i>l'ymage</i> et si la porta el fu ardent, voiant aus tous.</p>
---	---	---	--

A porção de texto que apresentamos em segundo lugar apresenta um conjunto mais complexo de fenômenos sobre os quais é possível afinar e precisar melhor as hipóteses adiantadas quanto à relação entre os testemunhos portugueses e entre estes e a redacção francesa que lhes esteve na origem. Por um lado, não se notam variantes substanciais entre ST e TT que possam sugerir que cada um destes testemunhos tivesse tido origem em traduções diversas e autónomas de originais diferentes. Mas, por outro lado, ST transmite uma lição específica, sob a forma de um segmento verbal duplicado, que teremos de explicar ou por lapso repetitivo ou por tentativa de, através de um processo de redundância, tornar mais claro um enunciado que punha algumas dificuldades de entendimento. Assim, lê-se em ST "hũu engenho per dentro que a ssarraua. E quando a el-rrey queria abrir, metya hũu crauo delgado" e, logo de seguida: "per de dentro que a sarrua. E quando a el-rrey querya abrir metia aquel crauo muy sotylmente..."

Na realidade, embora o extenso segmento verbal seja quase literalmente repetido, a ocorrência, no segundo caso, de pequenos morfemas que não se encontram no primeiro ("de dentro"), ou a alteração de um artigo ("hũu") em demonstrativo ("aquele") leva a pensar que houve intencionalidade na escrita e não um

simples fenómeno de repetição mecânica. Aliás, ST singulariza-se neste excerto por mais algumas lições privativas, possivelmente originadas na necessidade de esclarecer um enunciado ambíguo, escrito num registo linguístico demasiado próximo do texto traduzido, havendo talvez necessidade de ajustá-lo a um modelo de sintaxe narrativa já existente. Referimo-nos ao que se lê em ST "e despoys daua d'ũu malho ssua sarradura, ho cravo eergyasse" perante "depoys dava cõ hũu malho no cravo e erguyase o ãgenho" de TT. Esta última lição, não tendo paralelo directo nem em So nem em Po, constitui-se todavia com elementos verbais que ocorrem nos testemunhos franceses, tais como "uns engiens" (Po), o que leva a pensar que reproduzirá melhor o que se encontrava escrito no original da tradução.

Estas observações permitem avançar algumas certezas e algumas possibilidades. Em primeiro lugar, é de pôr completamente de parte a possibilidade de ST constituir um estágio anterior de TT, já que possui erros e lições privativas que dificilmente poderiam ter sido corrigidas pelo testemunho de Lisboa indo ao encontro do que se encontraria no original da tradução. Estamos, portanto e definitivamente, perante dois ramos aparentados, mas distintos da tradição manuscrita da *Estória do Santo Graal* portuguesa e ibérica, o que, logicamente, implica também que se ponha de parte a possibilidade de ST ser em si um fragmento do original da tradução.

Esta conclusão pode ainda ser reforçada e matizada de uma forma interessante se tivermos em conta o que se passa na sintaxe das frases iniciais deste trecho. Com efeito, enquanto ST transmite "E aquela porta ssaraua ele moy [s]otilmente. E ele, quando a ssarraua...", TT aduz "e aquela porta se cerraua sotylmente que quando ele a cerrava", enquanto os testemunhos franceses afirmam: "huis qui fremoit trop soutillement que quant il le fremoit" (So), "Chil huis estoit si soutieument fremés ke, si tost..." (Po).

Torna-se visível que a ligação entre as duas proposições é feita no original francês por intermédio da conjunção "que", apenas mantida pela versão da Torre do Tombo que, desse modo, representa a lição mais próxima do original da tradução. Tentando ajustar a frase a outros hábitos da sintaxe narrativa, possivelmente mais conhecidos e divulgados nos meios onde esta cópia foi realizada, ST substitui a conjunção consecutiva "que" por uma coordenativa "e", afrouxando os nexos de subordinação já presentes no original da tradução.

Assim, cremos que, uma vez mais, se confirma a impossibilidade de ST constituir um estádio intermédio entre o original da tradução e TT, ao mesmo tempo que abre a possibilidade de considerar que as cópias desse original (ou o original e uma das suas cópias) poderão reflectir hábitos de escrita literária diversos, mesmo quando efectuados dentro de um arco cronológico relativamente estreito.

Por outro lado, embora, neste excerto, os textos portugueses tenham início de uma forma literalmente próxima da versão breve contida em So, vão seguidamente incorporar matéria que está omissa nessa versão (as referências às cores e às portas), mas presente na versão mista de Po. E aqui é TT que apresenta mais consistência, verificando-se em ST confusão entre "cores" e "portas". Todavia, nem por isso a versão portuguesa, presente em TT, passa a aparentar-se literalmente com a que se lê em Po, muito mais extensa e detalhada, diremos mesmo "retoricamente amplificada". A versão da *Estoire del Saint Graal* que está na base do original da tradução portuguesa parece caracterizar-se por uma brevidade semelhante a So com alguns desenvolvimentos que virão a estar presentes, de uma forma muito mais detalhada, em Po.

3.

ST p. 60/ll. 21-28	TT pp.163-164/ll. 39-5	So p. 83/ll. 21-26	Po p. 174/§283.13-19
Despoys que ffoy queimada, disse el- rrey que uerdadeyramête era Deos[3] de gram poder, que tal uõotade lhe dera, ca <i>el nõ coydaua que iamays ende o sseu coraçom dela podesse partyr.</i> Dessy conheceu sseu pecado dante todos aqueles que estauã com ele e todos sse marauylhauã, ca nõca oyrõ falar de tam estranha cousa.	e depoys que foy queymada dysse el- rrey que verdadeyramête Deos era de grã poder poys tal vomtade lhe dera que <i>ele nõ cuydaua que jamays ê seu coraçã podesse êtrar</i> e depoys diamte de todos hos que hy estaũa conheceo seu pecado e todos se maravylharã que numca de tã estranha cousa ouuyra falar.	et quant ele fu arse si dist li rois que uoiement estoit Jhesu Cris[t] de grant poir qui tel corage li auoit enuoie car <i>il ne quidoit mie quil en peust iamais estre ostes.</i> Apres conut il mismes ses pechies si que tout loirent si en orent moult grant merueille car il nel quidoient mie ne onques mais naoient oi de tel cose parler.	Et quant ele fu toute arse, et la reube ke ele avoit vestue et li fust dedens, si dist li rois ke mout estoit de grant poir Nostre Sire, qui chest corage li avoit envoiet, car <i>il ne quidoit mie ke jamais ses cuers en peüst estre ostés</i> par nule paine. Apriés counut il meïsme son pechié, si ke tout loïrent, si s'en mervillierent mout durement, car il n'avoient onques mais de tel pechié oï parler.

Neste segmento, a narrativa contida nos testemunhos peninsulares da *Estoire del Saint Graal* coincide. Todavia, embora estes transmitam literalmente a lição francesa deste segmento narrativo, observa-se que ST e TT apresentam alguma dificuldade em encontrar a equivalência para a estrutura verbal “estre ostés”, fazendo-o de um modo diferenciado. Ou seja, enquanto ST transmite “el nõ coydaua que iamays ende o sseu coraçom dela podesse partyr.”; TT nota “ele nõ cuydaua que jamays ã seu coraçã podesse êtrar”. Os testemunhos franceses registam: “il ne quidoit mie quil en peust iamais estre ostes.” (So), “il ne quidoit mie ke jamais ses cuers en peüst estre ostés” (Po). Embora não se mantendo fiel à letra de nenhuma das versões francesas, ST produz um sentido convincente e próximo, enquanto TT, procurando corrigir “partyr” em “êtrar”, se afasta mais ainda do sentido original.

No segmento destacado, repara-se, também, na ausência do sintagma nominal “o sseu coraçom”, na versão breve So, enquanto a redacção mista Po o contém e os testemunhos portugueses também o registam. Esta observação confirma a ideia segundo a qual ST e TT terão tido origem numa versão da *Estoire del Saint Graal* caracterizada por alguns desenvolvimentos que virão a estar presentes, de uma forma muito amplificada, em Po.

4.

ST pp. 61-62/ ll. 13-31	TT p. 164/ll. 15-26	So pp. 83-84/ll. 35-9	Po pp. 174-175/ §285.9-§286.6
Entõ sse partyrom deles e <i>eles tornarõsse coydaudo e chorãdo</i> como aqueles a que ssemelhãua que o auyã por toda guissa perdydo. Assy se ffoy Josephes e ssua cõpanha pelo encomẽdamẽto de Jhesu Christo, m(a)ays [4] <i>de ssuas jornadas e de ssua ssayda</i> nõ deuyssa mais o cõto, <i>ante quer ffalar d'el-rrey Mordaỹ</i> e de ssua conpanha. Aquy dyz o conto que despoys	ẽtam se partyo deles e <i>eles se tornarã muito chorãdo e sospyrãdo</i> como aqueles que lhes parecyã que pera s[e]mpre ho vyã perdido asy se foy Josefes e sua c[o]mpanhia por ho mãdamẽto de Jhesu Cristo mas hora ho comto nõ comta <i>de suas jornadas amtes torn[a] a falar del rrey</i> e da sua cõpanha. CAP. L ta bijj DA VISÃO QUE EL REY Mordaõ vyo e	Atant sen torna daus et <i>chil sentornerent moult pensif</i> comme chil a qui il estoit auis qui auoient <i>le tout perdu pu[i]js quil sen aloit</i> . Ensi sen parti Josephe et sa compaignie de la cyte de Sarras . mais <i>de lor iournees ne de lor oirre</i> ne parole plus ichi endroit lestoire achois <i>retourne a parler del roy Mordrain</i> et de sa compaignie qui <i>remestrent en la cyte de Sarras</i> . Chi	Atant s'en parti d'aus; et <i>chil retournerent mout pensieu et mout ploureux</i> , comme chil qui il sambloit ke tout eüssent pierdu, <i>puis ke Josephés s'en aloit</i> . Or s'en va Josephés et sa compaignie par le plaisir et le commandement Nostre Signour. Mais <i>de toutes lor jornees ne de toutes lor aventures</i> ne de chascun lieu ou il herbergierent ne parlera pas li contes chi endroit, anchois <i>tourne la droite voie de l'estoire sour le roi Mordrain</i> et sour sa

**GUARECER on-line**

<p>aquela noyte que rrey Mordaym jouue es sseu leyto quaeu ã ele m[o]y gram pesar, assy que nãgũu nõ podya dele sacar [5] ffala. Em aquel pesar durou muyto e <i>sospirou e chorou moy muyto</i>, assy que a rraynha que jazya cabo dele ffoy ende moy maraujlhada, mays nõ lhe pôde tanto preguntar por que choraua que lho ele quisesse dizer</p>	<p>do que passou cõ cuydar Nascyãõ. Ora diz a estor[e]a que aquella noute depoyz que el-rrey Mordãõ jouuve ã sua cama cayo ã ele muy grã cuydar asy que nymguẽ podia dele tyrar fala e naquele cuydar <i>durou muito e sospyrrou e chorou</i> de sorte que ha rraynha que a cab[o] dele jazia foy muy maravylhada e nõ lhe pode tamto pergumtar por que chorava que elle lho quysese dyzer</p>	<p>endroit dist li contes que quant li rois Mordrains se fu couchies chele nuit en son lit quil chai en . j . moult grant pense ou quel il demoura moult longement . si <i>souspiroit et ploroit mout durement</i> si que la roine qui dales lui gisoit en fu toute esbahie . Mais ele ne li sot tant enquerre que il riens li en uoloit dire</p>	<p>compaignie qui son <i>remés en la chité de Sarras</i>. Chi endroit dist li contes ke la nuit ke li rois fu couchiés en son lit, si chaï en une grant pensee, dont il fu tant forment pensis que il n'estoit nus qui de lui peüst parole traire. En cel pensé demoura mout longement en tel maniere dont vous avés oï et si <i>plouroit si durement des iex et souspiroit</i> del cuer ke la roïne, qui delés lui gisoit, en estoit toute esbahie. Mais ele ne li pooit tant enquerre ke il l'en vausist nule riens enseignier</p>
---	--	---	--

Nesta porção de texto, verifica-se um conjunto de fenómenos relevantes para a relação entre os testemunhos da tradução portuguesa da *Estoire del Saint Graal* e entre estes e as redacções francesas em colação. Assim, veja-se: (i) ST: “de ssuas jornadas e de ssuas ssaydas”, TT: “de suas jornadas”, enquanto os testemunhos franceses colacionados notam: “de lors journees ne de lor oirre” (So), “de toutes lor jornees ne de toutes lor aventure”(Po); (ii) ST: “sospirou e chorou moy muyto”, TT: “sospyrrou e chorou”, enquanto os testemunhos franceses apresentam: “souspiroit et ploroit mout durement” (So), “plouroit si durement des iex et souspiroit” (Po). Em ambos os casos ST reproduz mais fielmente o original francês, apresentando mesmo soluções de tradução estilisticamente relevantes, e esse original deveria estar mais próximo de So do que de Po.

Por outro lado, embora, neste passo, como já vimos nos anteriormente analisados, os testemunhos portugueses pareçam aproximar-se literalmente da redacção breve da *Estoire del Saint Graal* contida em So, vão inserir elementos verbais que se encontram ausentes nesta versão, registando-se antes na versão mista contida em Po, como se observa no caso seguinte: ST: “eles tornarõsse coydando e chorãdo”, TT: “tornarã muito chorãdo e sospyrãdo”, Po: “retournerent mout pensieu et mout ploureux”, So: “sentornerent moult pensif”.

ST singulariza-se, neste excerto, por uma leitura divergente da estrutura verbal “retourne a parler del roy Mordrain” (So) / “torne la droite voie de l'estroire sour le roi Mordrain” (Po), dos testemunhos franceses, registando “ante quer ffalar d’el-rrey Mordaỹ”, enquanto TT contém a boa lição: “amtes torn[a] a falar del Rey”. Neste ponto, ST inova já que a estrutura “torna a falar” é frequente na prosa arturiana, traduzindo convenientemente “(re)torne a parler”.

Além disso, da colação dos testemunhos portugueses entre si, e com as redacções francesas apresentadas, ressalta um conjunto de omissões nos primeiros. Assim, repare-se nos segmentos seguintes: (i) “pu[i]s quil sen aloit” (So) / “puis ke Josephés s'en aloit.” (Po); (ii) “qui remestrent en la cyte de Sarras.” (So) / “qui son remés en la chité de Sarras.” (Po), que se encontram ausentes dos testemunhos portugueses. Esta observação conduz-nos, de novo, à hipótese de estarmos perante dois testemunhos de uma mesma tradução portuguesa cujo original francês não mencionaria os respectivos segmentos narrativos.

5.

ST p. 62/ll. 31-33	TT p. 164/ll. 27-29	So p. 84/ll. 9-11	Po p. 175/§286.6-8
nẽ ela nõno oussaua ende a fforçar, ca ele era o rrẽ [6] do mũdo que m(a)ys [7] dultaua ca ssenpre ffora brauo.	nẽ ella nõ ousaua deho muito [82v] forçar que elle era ho homẽ do mũdo que ela mays duuydava por que sempre fora cruel	ne ele ne li en uoloit esforcier outre sa uolente. car il auoit este moult crueus et mout fiers si le doutoit mout.	ne ele ne l'en osoit enforchier contre sa volenté, car il li avoit esté mout fiers et mout crueus: si doutoit mout son mautalent et son courous.

Uma vez mais, da comparação dos testemunhos portugueses com os franceses neste segmento narrativo, nota-se que sobressai nos primeiros um fenómeno de reformulação nominal. Assim, onde em ST se lê "o rrẽ do mundo" e em TT "ho homẽ do mũdo", os testemunhos franceses referem-no apenas com o pronome pessoal "il". Desta observação decorre a confirmação de que ST e TT constituem dois testemunhos do mesmo original da tradução portuguesa da *Estoire del Saint Graal*, transmitindo ST uma lição que correspondia a uma fórmula corrente no galego-

-português já não compreendida pelos redactores do séc. XVI, que se viram, assim, na necessidade de a alterar<sup>13</sup>.

6.

ST pp. 62-63/ll. 1-28	TT pp. 164-165/ ll. 29-8	So p. 84/ll. 11-26	Po pp. 175-176/ §286.8-§287.21
<p>Assy ffoy el-rrey [*acor]dado até [...] [*a]dormeceo [...] hũa [...] [...] [...] [...] [...] [...] en [...] [.].me. <i>Entõ querya ffalar</i> [...] [...]do [...] na [boca] e uy[*u] [...] [...] ysto e derrybaua[*o] [...] [...]messa [...] ffilhauao e [...] na boca [...] hũu toruon soprãdo tã de [...] que [...] e leuauao a [...] moy estranho logar [...] [...] e tragyalhe cada dya do cordeiro [...] [...]mã]gares <i>que o sseu cora[*com]</i> [...] [...]despoys[8] ujnha hũ lobo [...] força quanto lhe o cor[*rdeiro] [...] [...]que lhe ão ficaua senõ [...] ão bẽ assy que aas [*uezes] morrya de ff[*ame] [...] quando el uya que o [*lob]o lhe roba[ua] [...] assy pẽssou que era mal [...] lho sofrya. E disse [*que] sse conbaterya cõ [...] [...]dya [...] se [...] grã [...]fugyu ho lobo, que o [...] despoys tolheu sseu [...] [.]</p>	<p>asy esteve el-rrey a meya noute ã seu pemsamẽto êtão adormeceo cõ camsacyo de seu cuydar e vyo huã maravylhosa vysão por que lhe pareceo que estava ã seu paço e que tynha hũa gramde corte ha que vynhã todos hos da terra e que saya de hũu ryco cadafal[so] e emtrava ã seu paço e asemtavase a comer e tamto que queria tomar ho prymeiro bocado pera meter na boca vynha hũ corisco e deribavao na mesa e ele ho tomava e ho queria meter na boqua e vynha hũ toruão sopramdo tam rijo que ho tomava e ho levava a huũ muy estranho lugar <i>homde numca nhũ morava nẽ vyvera</i> e hy vynha a ele cada d[y]a hũ cordeyro que lhe trazia todos hos boõs mãjares <i>que seu coração podia cuydar</i> depoys vynha hũu lobo e por força tyrava todo quãto lhe ho Agnho trazia asy que lhe ão ficava senã ho ã que [s]e</p>	<p>Ensi fu li rois en dolor et en paine tant quil fu bien mienus . Et lors auint il cose quil sendormi de la lasete du pense. et ensi comme il se dormoit entra il en . j . mout perilleus soigne car il li estoit auis quil tenoit en . j . palais vne cort mout grande . A chele court uenoient tout li cheualier del pais et toutes les dames de la contree . si li estoit auis quil estoient uenu del moustier et estoit entres en son palais et se seoit al mangier . et ensi comme il prenoit le premier morsel por metre a sa bouce si li descendoit vns foudres du ciel et le faisoit ius uole . et li reprent et le remet uers sa bouce de recief et lors reuenoit vns estorbillons si lenportoit en vn mout estraigne lieu . et illuec uenoit a lui cascun iour vns lions qui la aporloit toutes les boines uiandes del monde et apres uenoit vns leus qui lui retoloit si quil ne li remanoit fors sa soustenance et ce</p>	<p>Ensi fu li rois en dolour et en mesaise de pensẽ tant ke bien pot estre mienuis. Et lors si avint chose qu'il s'endormi pour le lasseté del pensẽ qui li avoit grevé. Ensi com il fu endormis, si entra en un mout perilleus songe, car il li estoit avis en son dormant ke il tenoit en la chité de Sarras en court mout riche et mout honeree. A chele court venoient tout li chevalier et toutes les dames de la contree. Et quant il estoit issus hors d'un mout riche moustier ke il n'avoit onques mais veũ, si entroit en son palais et s'aseoit au mangier si richement et si biel com il est drois et coustume de roi. Ensi com il estoit assis a son mangier et il prenoit le premier morsiel pour metre en sa bouce, si descendoit uns effoudres del chiel et si li faisoit voler son morsiel hors de sa main et sa courone chaoir jus de son chief a la terre. Et quant il voloit relever</p>

<sup>13</sup> Ocorrem exemplos no *Livro de Galaaz (Demanda do Santo Graal)*. Ver Nunes (1995, pp. 53 e 113).

**GUARECER on-line**

	<p>mātyinha e nã bem asy que as vezes avya fame e quãdo elle vya que ho lobo lhe tyrava todo asy cuydou que era mao por que ho sofria e dyse que se combat[ery]a cõ ele e tanto fez que se combateu com elle hũu dia e vëceo grão trabalho asy fogio ho lobo que depoyos não lhe tyrou cousa de seu mamjar</p>	<p>asses pourement et quant il uit que li leus li toloit ensi si sapensa quil se combateroit a lui tant quil auint a . j . ior quil se combatit au leu et le uenqui a moult grant paine et lors sen fui li leus ne onqeus puis ne li toli de sa uiande.</p>	<p>sa courone, qui a terre gisoit, et il le voloit remettre en sa teste, si le prenoit uns grans estourbillons de vent et si l'enportoit en un estrange lieu, mout loing. En chel lieu demouroit mout longement, che li estoit avis, et si venoit a lui chascun jour uns aigniaus et uns leus. Li aigniaus li aporloit toutes les boines viandes et toutes les riches du monde; et li leus l'en toloit tant ke il ne l'en remanoit ke seulement sa soustenanche, a mout grant poverté. En la fin, quant il veoit ke chil leus le reuboit en tel maniere, si se pensa ke il ne li soufferoit plus, anchois se combateroit a lui. Tant fist ke il se combati un jour et ke il le venqui a mout grant paine. Ensi s'en fui li leus, c'onques puis point de sa viande ne li toli.</p>
--	--	---	---

Embora muito degradada, esta porção de texto de ST permite identificar divergências com TT, testemunho a partir do qual é possível configurar a narrativa integral transmitida pelo tradução original. Como lições privativas, ST apresenta “Entõ querya ffalar”, que não encontra correspondência nos outros testemunhos colacionados; e TT nota o segmento “homde numca nhũ morava ne vyvera” que também não encontra paralelo nos outros textos confrontados. Estas lições confirmam, uma vez mais, o facto de ST não representar um texto intermédio entre o original da tradução e o texto transmitido por TT, mas um ramo distinto da tradução portuguesa da *Estoire del Saint Graal*. Por outro lado, a estrutura frásica “que seu coração [podia

cuydar]” de ST e TT, ausente nos testemunhos franceses colacionados, corrobora de novo a hipótese de que os textos portugueses derivem de uma mesma tradução.

7.

ST p. 63/ll. 29-35	TT p. 165/ll. 8-14	So p. 84/ll. 26-31	Po p. 176/ §287.22-§288.6
Despoys [...] [*ssemi]lhoulhe que achua a ssua coroa [...] que era canbada e que a poynha [*na cabe]ça. E [*uy]a seu sobryno e o [...] e que hũa aue que ssemelhaua agea o leuaua aalem [...] a hũa mōtanha moy estran[*ha] [...] aly a que [...] e poynha y [...] toda gente da terra	depoys desto lhe pareceo que achaua sua coroa mas que era trocada e que a metya na cabeç[a] e vyase sobyr no ar e que huã ave que lhe pareceya aguya [83r] ho levava alem mar ahũa momtanhosa terra e estranha e a ave ho punha aly e vynha a gēte da terra e homylhauase e avya cō ele grã prazer	Après ce li estoit auis quil trouoit sa courone mais ele li estoit cangie et quant il lauoit mise en sa teste si uit . j . sien neuveu que vns oisiaus enportoit outre la mer en vne estraigne terre et illuec le metoit ius et si tost com il lot mis ius si uenoient toute la gent et lenclinoient et quant il li orent faite si grant honor	Après li estoit avis ke il trovoit sa courone et, quant il le voloit metre en son chief, si le trovoit toute cangie, (...) Et quant il l'avoit mise en sa teste arriere, si veoit il un sien neuveu, qui estoit fiex Nascien, son serourge, ke uns grans oisiaus en samblanche d'aigle prenoit et si l'enportoit, voiant ses iex, outre la mer en une mout estrange terre. Illuec le metoit l'aigle jus; et quant il estoit a terre, si venoient toutes les gens du país, si l'enclinoient et venoient tout et toutes environ lui. Et quant il li avoient tout encliné et grant joie faite

Em relação a este segmento narrativo, destaca-se, nos testemunhos peninsulares, a referência à orografia do terreno. Assim, TT regista: “momtanhosa terra e estranha”, ST: “mōtanha moy estran[\*ha]”<sup>14</sup>, enquanto os testemunhos franceses aduzem: “estraigne terre” (So) / “estrange terre” (Po), confirmando-se, uma vez mais, a proximidade entre ST e TT que fica uma vez mais estabelecida. Já outra questão igualmente interessante é saber se essa lição remonta ou não ao original francês a partir do qual se realizou a tradução, visto que essa geografia montanhosa

<sup>14</sup> Dias (2007, p. 168).



**GUARECER on-line**

	<p>tanto lhe durou que foy per todo dia e quando acordou muito se maravylhou daquela maravylha que vyra e a rraynha cuy[d]ou por que el-rrey asy cuydara e por amanhã a levamtouse e foy choramdo pera a cama dõde Nascyão jazia que por mãdado del rrey hy vyera e quando Nacyão asy avyo chorar ouue dyso grã pesar que muyto amava e tom[a]va ã seus braços [83v] e pergumtou lhe que avya e ella lhe [c]omtou todo e dyse irmão eu ey grão medo daquele cuydar del rrey hyrmão por Deos vos rogo que vos lhe vades pergumtar que he que grã sabor hey deho saber</p>	<p>sesmerueilla mout de cel soigne et pensoit en quel maniere il poroit savoir que ce senefioit et la roine fu moult esbahie de ce que ses sires estoit en si grant pense si se leua et sen vint au lit Nascien son frere tout plorant . et quant Nascien le uit si en fu moult esbahis car il lamoit de mout grant amor. si la prinst entre ses bras et li demanda porcoi ele ploroit et ele li dist biaux dous freres iou me dout mout de mon signor quil ne soit cheus en maluaise pensee por Dieu leues sus et li ales demander que li a car volentiers le sauroie.</p>	<p>et tant longement li dura que il fu mout pres du jour. Atant s'esvilla li rois mout esbahis et mout trespensés de chele merveille ke il avoit veüe. Et la roïne, qui bien l'avoit veü pensieu et courechíe toute nuit, si fu mout espoentee (...), si ala tantost au lit Nascien, son frere, mout souspirant et plourant durement. Et quant Nasciens le vit plorer, si fu mout esbahis, car il l'amoit mout coreument, si le prist entre ses bras et si li demanda mout (...) "Biaux dous frere, dist ele, pour che criem jou qu'il ne soit cheüs en mauvais pensé. Et je vous pri et requier pour l'amour del haut Signour, a la qui creanche vous vous estes dounés, ke vous alés a lui et si li demandés un don; et quant il vous ara creanté sour sa creanche..."</p>
--	--	---	--

Neste excerto, embora muito corrompido, ST conserva um segmento narrativo substancial que nos permite concluir que se trata de uma leitura singular do lado dos testemunhos portugueses, uma verdadeira interpolação, que visa especificar os laços de parentesco que unem Mordaim a Celidones. Ora, o meio português era particularmente sensível às questões da organização familiar, tendo a redacção do primeiro livro de linhagens<sup>16</sup> ocorrido na mesma época em que é possível situar a tradução de vários livros de matéria arturiana<sup>17</sup>. Nestas condições, somos levados a

<sup>16</sup> Cf. Mattoso (1999).

<sup>17</sup> Cf. Miranda (1998a, pp. 7-19).

pensar que se trata de uma interpolação produzida no acto da tradução. Do ponto de vista textual, a sua ocorrência em ambos os testemunhos não deixa dúvidas sobre o facto de estes decorrerem do mesmo original da tradução.

9.

ST p. 64/ll. 1-11	TT p.170/ll. 4-11	So p. 89/ll. 4-9	Po p. 187/§304.1-7
t[.] [g] [.] [...] [...] onde ño pode ho[*mê] [...] [*n]aue ño ousa [...] parte podyã [...] [*estre]yto de Ssi[u]jilha [...] [...] [...] cordes [...] [...] E en toda aquela [...] [...] [...] hũu [...] dia [...] [esto] [...] [...] esto. E [.] [tanben] [...] [.] pendido [...]	[87v] aquela pena estava naquela parte por homde passã de Babylonya pera Escocya e pera Yrlamda e pera as outras ymsolas de hocydemte aly estava aquela pena que era tam alta que hera maravylha e de huã parte do mar docydemte domde nom pode homem achar terrã que nhuã nao nom ousa de passar la e da outra parte podia bem ver ho mais do mar do <i>estreyto de Sevylha</i> aquella pena era tã alta como vos ouuydes	et cele roche estoit dedens la mer occeane. Et en cele partie ou li trespas de la mer de Babilone est et cele d'Escoce et d'Irlande . et es autres parties doccident la est roce qui estoit tant haute que on ne pooit ueoir toute la meir dune part . et dautre part pooit on veoir la terre de <i>cordes</i> . Cele roce estoit tant haute comme ie vous di	Chele roche, si est assise en la mer Occeane, en ichele partie ou li drois trespas est a aler de la terre de Babilone en la terre d'Escoche et d'Islande et es autres parties d'occident. En che trespas est chele rocheet si est de si tres grant hauteche ke on en peut sourveoir toute la mer d'Occident jusc'a ichés lieux ou terre puet estre trovee, et de l'autre part, a destre si comme devers galerne, en puet on veoir la terre de <i>Cordres</i> et toute la fin d'Espagne. La roche est de tel hauteche com vous avés oï

Este segmento narrativo, embora muito danificado em ST, contém um elemento substancial da narrativa (“cordes”) que permite concluir que a lição transmitida por este testemunho é mais fiel ao original da tradução portuguesa do que o texto transmitido pelo testemunho quinhentista. De notar, ainda, nova lição privativa dos testemunhos portugueses, possivelmente introduzida no processo de tradução, na referência ao “[estre]yto de Ssi[u]jilha (ST); “estreyto de Sevylha” (TT).

10.

ST p. 65/ll. 12-22	TT p. 174/ll. 31-39	So pp. 93/ll. 8-16	Po pp. 197/§319.1-13
<p>Diz o cõto que el-rrey Mordaỹ cato[*u] [...] [...] [.]se nõ [...] [...] [...] el-rrey [...] equanto [...] [...] que achou hũu ca[*minho] que [...] coua [...] nõ [há] [...] que hy [...] que nõ achaua rrem cõ que lhe [*prou]gesse e comẽçou a pensar e pẽssou ẽ <i>sseu coraçõ</i> [*que] auja todo [...]</p>	<p>[91r] Diz o comto que el-rrey Mordaym oulhou derredor desye nom vio de nenhuã parte [92v] do mundo omde ouvese que comese que a pena era muy esquyro lugar el-rrey amdou por aderrador da pena emquamto por ela pode amdar e achou hũ camynho que hya direyto a cova e quando veo ha emtrada vio a tam escura que nom avia cousa per que hy emtrase e quando vio que nom achava com que lhe aprouve <i>se asemto</i> se e começou a cudar e cuydou <i>em seu coraçam</i> que hagora avia todo perdido</p>	<p>Chil endroit dist li contes que li rois Mordrains fu portes en cele roche qui moult estoit haute sauuge . Et quant il i fu mis si esgarda entour lui si ne uit fors mer et ce misme de terre quil i auoit estoit moult hideuse a ueoir . et il ala tout entour le siege de la roce tant com il pot trouver uoie . et quant il uint a lentrete du sentier qui aloit a la caue si le uit si noire et si hideuse quil ni entrast por nule rien du monde . Et quant il uit quil ni auoit nul confort si commencha a plorer et a penser mout durement et dist certes ore ai iou trop perdu</p>	<p>Atant se taist ore li contes de Pompee et si retourne au roi qui est en la roche mout esbahis et mout trespensés de che qu'il ne savoit ou il estoit ne en quel maniere il i estoit venus. Il esgarda entour lui: il ne vit nule riens fors mer et chiel, dont nule garisons li peüst venir ne nule soustenanche. La roche fu haute et en salvaige lieu; et tant d'abitacle com il i avoit, si estoit lais et hideus et escurs. Il ala entour le siege de la roche, tant com il peut trouver voie, et tant qu'il entra el sentier caupé qui menoit a la cave; et quant il vint a l'entree, si le trova si laide et si noire ke il n'entrast dedens pour nule riens. Et quant il vit ke il ne troveroit nul confort, <i>si s'assist</i> et commencha mout durement a souspirer du cuer et a plourer des iex de la teste et commencha a penser <i>en son cuer</i> ke ore avoit il tout pierdu</p>

A parte final desta porção de texto apresenta uma série de fenômenos de omissão. O texto lisboeta e a versão mista francesa registam a forma verbal “se asemto”, ausente em ST e em So. Observa-se, pois, que TT mantém a lição completa do segmento verbal face à sua ausência em ST. Também na parte final

deste excerto, os testemunhos peninsulares e, entre os testemunhos franceses colacionados, apenas a versão mista Po notam o segmento nominal “ẽ sseu coraçõ” (ST) / “em seu coraçam” (TT) / “en son cuer” (Po). Tal conjunto de aspectos textuais corrobora, por um lado, a hipótese de que a versão francesa que está na base da tradução portuguesa contenha matéria omissa na versão breve So, mas presente na versão mista Po; e, por outro, uma vez mais que ST não é uma versão intermédia entre o original da tradução e TT.

11.

ST p. 66/ll. 1-14	TT p. 175/ll. 28-37	So p. 94/ll. 9-16	Po p. 199/ §321.15-§322.10
<p>El-rrey lhe disse se [*que]rya fficar ou sse se querya yr. "Como, disse [*ho]omẽ[9] boo da naue, nõ ás tu toda tua crença em Jhesu Cristo?" E el lhe dise que uerdadeyrãmẽte a auja hy toda. "Ora ssabe tu bem, dysse ho omẽ bõo, <i>que Lhe nõ esquecerás, ca Lhe nõ e[.] [.] quem se a Ele tẽ</i>. E quãdo o hom[*ẽ] se esmaya[10] ent[õ] he ffora de crença ca[11] <i>quando Deos[3] ama o homẽ de todo coraçõ</i>, entõ he dereyta rrazõ que o ome[12] nõ aja cuyra[13] d'outra coussa, ca mays o ama Deos[3] que se ele poderya amar.</p>	<p>[93r] e el-rrey lhe pregumtu se querya haly ficar se querya yr como dise ho homem bom da na[o] nam as tua forca [sic] em Jhesu Cristo e ele dise serto <i>verdadeyrãmẽte eu hey hy todo meu bem ora sabe tu bem dise ho homem que Lhe nom esqueceras que Lhe nom esqueçem quem se a ele chega e quamdo ho homem desespera emtam he fora de fe e quamdo Deos amaa o homem que se a ele chẽga de [93v] todo coraçam</i> emtam he direyto e rezão que homem nam aja cudado de outra cousa que mais ho ama Deos do que ele se pode amar</p>	<p>Et li rois demanda au boin homme sil remandroit illuec ou sil sen iroit . et comment fait li hons de la neif en as tu toute ta creance en Jhesu Crist . et il dist que uoirement li a il toute dont saces tu bien fait il <i>quil ne te metera ia en oubli</i>. Ne ia ne <i>sesmait</i> li hons <i>qui fors est en sa creance . Car Diex aime miex lomme qui a li se tient</i> que li hons mismes se saime . dont est il bien drois que li hons ne prenge ia cure de riens quil li couiegne ains sen tiegne du tout a Dieu car Diex laime plus quil ne se poroit mismes amer.</p>	<p>Et li rois li demanda conseil comment il le feroit, se il remanroit en chore illuec ou se il li looit que il s'en alast. "Coument? dist li hom de la nef. Dont ne dis tu ke tu as ta creanche toute en Jhesucrist?" Et li rois respondi ke voirement creoit il de tout en tout en Jhesucrist. Et li hom de la nef li dist: "Or saches tu donques de voir <i>ke il ne t'a mie mis en oubli, car il n'oubliera ja nului qui a lui s'atende (...)</i> Et la ou li hom s'esmaie de nule chose qui li conviegne, la te di jou pour verité ke il est hors de creanche, <i>car, plus ke il a mis et le cors et le cuer de tout en tout en la creanche Damedieu, dont est il bien drois ke il s'atende a lui de toutes les choses (...)</i> Dont est il bien raisons ke li hom ne prengne sour soi nule cure de che ke lui convenra, mais a</p>

**GUARECER on-line**

			chelui en laist convenir qui plus l'aime ...
--	--	--	--

Comparando o texto transmitido por ST com o de TT, verifica-se que ambos apresentam a mesma sequência narrativa. Assinalam-se, todavia, divergências por omissão. Assim, ST transmite: “que Lhe nō esquecerás, ca Lhe nō e[.] [.] quem se a Ele tē. E quādo o hom[\*ê] se esmaya ent[õ] he ffora de crença”, e TT regista “que lhe nom esqueçeras que lhe nom esqueçem quem se a ele chega e quamdo ho homem desespera emtam he fora de fe”. Pelo seu lado, Po nota “ke il ne t'a mie mis en oubli, car il n'oubliera ja nului qui a lui s'atende (...) Et la ou li hom s'esmaie de nule chose qui li conviegne, la te di jou pour verité ke il est hors de creanche”, enquanto So apresenta um segmento mais abreviado “quil ne te metera ia en oubli. Ne ia ne sesmait li hons qui fors est en sa creance”.

Deste confronto ressalta, uma vez mais, que os testemunhos peninsulares transmitem o mesmo texto da *Estória do Santo Graal* (LJA) e que a aproximação dos testemunhos portugueses à versão mista se revela apenas em alguns aspectos vocabulares e sintácticos, mas que se apresenta muito longe da versão extensa que se pode ler em Po. Na mesma linha parece situar-se o segmento nominal "de todo coração" (ST) / "de todo coração" (TT) que não encontra paralelo directo em So, enquanto em Po se apresenta a lição "le cors e le cuer de tout en tout".

Também relevante se mostra o exemplo seguinte de omissão em ST “quando Deos ama o homē de todo coração”, enquanto TT nota “quamdo Deos amaa o homem que se a ele chēga de todo coração” e os testemunhos franceses apresentam a lição: “Car Diex aime miex lomme qui a li se tient” (So) “car, plus ke il a mis et le cors et le cuer de tout en tout en la creanche Damedieu dont est il bien drois ke il s'atende a lui” (Po). Torna-se claro que é a vez de TT reproduzir melhor a lição que estaria presente no original da tradução, dando razão à máxima: "ulteriores non sunt deteriores".

12.

ST p. 67/ll. 23-28	TT p.176/ll. 5-8	So p. 94/ll. 21-27	Po p. 200/ §322.19-27
E por esto podes tu ssa[*b]er que aquel que esto coyda que non há de [*cr]ença	(...) e por ysto podes tu saber que aquele que ysto cuida nom tem hũ pomto de fee	(...) et par ce puet on prouer et connoistre que cil qui ce dist na de creance ne tant ne	Et par che poés savoir et counoistre ke chil qui est en chest pensé n'a de

**GUARECER on-line**

<p>nã punto. <i>E por esto te mãda [ ] [...] coraçõ sseia de todo [en] Deos[3] e El [*p]ẽserá de ty e de totalas coussas e d'al nõ te trabalhes.</i></p>	<p><i>por esto te mamdo que todo teu coraçam seja em Deos e ele pemsara de ty e de todas tuas cousas e de al nom te trabalhes</i></p>	<p><i>quant . ains est pires que li popelicans. Mais Salemons qui sauoit outre ce que nature ne puet douner a homme mortel dist a son fil . garde quelconques lieu que tu soies que ades soit tes cuers et tes pensers a . j . Dieu, si laisse Dieu conuenir de toi et de toutes ne ia ne tentremetes autrement . car tu feroies comme fols.</i></p>	<p><i>creanche ne tant ne quant, anchois est pires ke uns publicans. "Mais savois, che est Salemons, qui eut de sapiense outre chou ke nature ne puet doner a nul home mortel. Chil en dist a son fil, (...) et seelé dedens ton cuer: garde ke tu laisses tous jours Damedieu convenir de toi et de toutes tes choses ne ja autrement ne t'en entrement."</i></p>
--	---	--	--

Colacionando o texto transmitido pelos testemunhos portugueses e o registado nas redacções francesas, verifica-se que, na parte final, os primeiros oferecem uma lição resumida. Assim, ST transmite: “E por esto te mãda [ ] [...] coraçõ sseia de todo [en] Deos e El [\*p]ẽserá de ty e de totalas coussas e d'al nõ te trabalhes.” e TT: “por esto te mamdo que todo teu coraçam seja em Deos e ele pemsara de ty e de todas tuas cousas e de al nom te trabalhes”, enquanto os testemunhos franceses registam: “ains est pires que li popelicans . Mais Salemons qui sauoit outre ce que nature ne puet douner a homme mortel dist a son fil . garde quelconques lieu que tu soies que ades soit tes cuers et tes pensers a . j . Dieu, si laisse Dieu conuenir de toi et de toutes ne ia ne tentremetes autrement.” (So), “anchois est pires ke uns publicans. Mais savois, che est Salemons, qui eut de sapiense outre chou ke nature ne puet doner a nul home mortel. Chil en dist a son fil, [...] et seelé dedens ton cuer: garde ke tu laisses tous jours Damedieu convenir de toi et de toutes tes choses ne ja autrement ne t'en entrement” (Po).

Na realidade, mais do que uma omissão ocasional originada no processo de tradução ou na redacção dos apógrafos, como por vezes acontece, aqui estamos perante uma omissão que remonta provavelmente à versão que esteve na base da tradução, a mesma para ambos os testemunhos portugueses como já amplamente se mostrou.

13.

ST p. 67/ll. 29-9	TT p. 176/ll. 8-17	So p. 94/ll. 28-35	Po pp. 200-201/ §323.1-17
<p>C [...] quanto[16] o homẽ boo[17] da naue disse esto, e el-rrey tãto lhe [<i>*p</i>]razya que lhe esquecerõ todolos coy[<i>*d</i>]ados e nõ pẽssaua ẽ ssy nõhũua [<i>*rr</i>]em, mays pẽssaua en guissa que sse[<i>*m</i>]elhaua aas uezes que dormja e nõ po[<i>dy</i>]a dele aprender nõhũua cousa certa. Quando tornou em ssua memorya comẽcou a olhar derredor de ssy e nõ uju a barca nõ o homẽ. E comẽcou a catar cõtra toda parte da pena e nõno pôde ueer. E assẽtouse e comẽcou a pẽssar e marauilhouse que era[18] aquel que cõ ele ffalara que muyto lhe dera grã cõfforto, mays tãto entẽdya bem que nõ podya sser ssenõ per poder de Deos[3].</p>	<p>[93v] quamdo ho homem bom da nao dezia ysto a el-rrey a ele lhe pareçia que de sy se esqueçia escutamdo e nom cuydava em sy nada mas cuydava as vezes em maneyra como dormya. E quamdo tornou me sua memorya começou a oulhar darrador de sy e nom vio a barca nem ho omẽm bom e começou a oulhar a toas as partes da pena e depois que ha nam pode ver asemto se e começou a cuydar e maravilhou se quem era aquele [94r] que tamt[o] com ele falara que muito lhe dera gramde conforto mas tamto que emtemdia bem que nam podia ser se nam por Deos</p>	<p>Entrementres que li hons de la neif disoit tels paroles au roi si li furent si <i>plaisans</i> quil <i>soubliã tous en l'escouter</i> . ne il ne pensoit a soi <i>ne tant ne quant</i> . et quant il fu uenus en sa memoire ausi com il estoit deuant . si commencha a regarder enuiron lui . mais il ne vit la neif ne celui a qui il ot parle . et quant il ne uit ne lun ne lautre si sassist et sesmerueilla mout en son corage ou il pooit estre deuenus car moult li auoit doune boin confort . et de tant se connoissoit il bien quil i estoit de par Dieu uenus si en ot mout grant ioie.</p>	<p>Endemetiers ke li hom de la nef disoit ches paroles, si furent au roi si tres durement <i>plaisans</i> ke il <i>s'entroublia tous en l'escouter</i> ne il ne pensoit <i>ne tant ne quant</i> a soi, ne de nule riens ne li souuenoit ke seulement de chou qu'il ooit. [...] Et quant il eschapa de chest pensẽ et il fu repairiẽs en se memoire, si com il estoit devant, si commencha a regarder environ lui, mais il ne vit onques ne la nef chelui qui dedens estoit uenus. Et il se drecha en son estant, si commencha a regarder de toutes pars en la mer. Et quant il vit qu'il ne le porroit en nul sens coisir, si se rasist. Lors commencha mout durement a penser tout de rechief et mout se mervilloit en son cuer qui chil pooit estre qui tant avoit a lui parlẽ, car mout li avoit donẽ grant confort; et tant s'aperchevoit il bien —si en avoit mout grant joie—que li hom ne pooit estre se de par Dieu non a qui il avoit parlẽ</p>

A porção de texto que aqui colacionamos apresenta uma série de fenômenos que vale a pena ter em conta. Assim, ST começa por transmitir correctamente o

elemento verbal “[\*p]razya”, cujo equivalente se encontra em ambos os testemunhos franceses, que TT transforma na forma “pareçia”. Já "s'oublia tous" (So) / "s'entroublia tous" (Po) aparece em ST como "que lhe esquecerõ todolos cuydados", tradução que seria aceitável do ponto de vista do sentido, não fora a ocorrência em TT da forma verbal "escutamdo", que vai ao encontro da lição "lescouter" presente nos manuscritos franceses, tornando seguro que nenhum dos testemunhos portugueses transmite correctamente o que estaria na tradução e que, neste ponto, essa tradução ofereceria dificuldades, tal como já se passava em (2).

Experimentado dificuldades semelhantes às que se verificam em ST, o redactor de TT preferiu adoptar a estrutura da frase seguinte, alterando o objecto de "esquecer" e afastando-se mais, como sucede na maior parte dos casos em que há correcção motivada, do sentido do texto original, ao transmitir "de sy se esqueçia escutamdo".

Com o verbo "pensar", que neste trecho TT sistematicamente altera em "cuidar", e ainda com a locução indefinida "ne tant ne quant", presente em ambos os manuscritos franceses, que encontra em ST equivalência em "nêhũa [\*r]em", expressão já em desuso no séc. XVI e, por isso, transformada em TT na forma "nada", é o manuscrito de Santo Tirso que melhor reproduz o original da tradução. Mas já o segmento "mas cuydava as vezes em maneyra como dormya" (TT) / "mays pëssaua en guissa que sse[\*m]elhaua aas uezes que dormja" (ST), parece constituir uma particularidade da versão que foi traduzida para galego-português, à qual ST acrescenta ainda "e nõ po[dy]a dele aprender nêhũa cousa certa", que se revela uma lição privativa deste manuscrito, constituindo uma expansão do primeiro segmento.

Como temos vindo a afirmar, as lições exclusivas de ST permitem confirmar reiteradamente a ideia de que este não representa um estágio intermédio entre o original da tradução portuguesa da *Estoire del Saint Graal* e a versão contida no manuscrito da Torre do Tombo.

14.

ST p. 68/ll. 16-22	TT p. 176/ll. 23-28	So p. 94/ll. 2-7	Po p. 201/§324.8-15
"...a naue... <i>En tal guissa ueo dereyta aa pena e, quando a el-rrey uju arrybar, maraujlhusse que</i>	"...a nao... <i>veo direyto a pena e quamdo ha el-rrey vio hy aribar maravilhou se muyto e esgeose e esteve</i>	"..la neif... <i>en tel maniere sen uint a la roche . Et li rois se drecha en estant et regarde la neif dune</i>	"...la nef... <i>En tel maniere vint tout droit a la roche; et quant li rois le vit ensi arrivee, si se commencha</i>

## GUARECER on-line

<i>querya hy buscar. E erguesse e [ca]toua e uju end[*e] ssayr hũa das ffremossas molheres que nũa el ujra. E quando a ele uju espåtousse, pero disselhe que fosse bem uijnda. E ela disse que ass[*y] era, poys lo achara.</i>	<i>oulhamdo ha nao e vio de la sayr hua molher a mais fermosa que numca vira e quamdo a vio espamtou se em pero dy selhe que fose bem vimda e ela dise que asy era pois ho achava</i>	<i>part et dautre . Et esraument en issi vne dame la plus bele quil eust onques ueue . et quant il la uit si en fu tout esbahis que trop . et nonporquant si dist que bien fust ele uenue . et la dame li dist que ausi estoit ele. car ele veoit lomme de tout le monde quele desiroit plus a veoir.</i>	<i>mout durement a mervillier ke che pooit estre et senefiier et quel chose nef estoit venue querre. Lors se drecha et commencha la nef a regarder d'une part et d'autre et, quant il se regarda, si vit hors issir une des plus tres bieles femes ke il onques eüst veüe et des plus avenans. Et quant il la vit, si fu mout esbahis, et nepourquant il li dist</i>
---	---	---	--

Estamos aqui perante um caso interessante que corrobora o exposto no ponto anterior. De novo, a versão reproduzida pelos manuscritos portugueses anda próxima da versão mista, mas o manuscrito editado por Ponceau é mais extenso e mais amplificado do que o indiciado pelas versões portuguesas. Todavia, os mais relevantes segmentos verbais desta versão estão presentes em ST, embora se torne patente que a tradução que este manuscrito contém não estaria isenta de ambiguidades. O segmento "maraujllhousse que querya hy buscar", com a dificuldade de ajustamento do sujeito "naue" ao verbo "buscar", pode ter suscitado dificuldades de leitura que levaram a que TT pura e simplesmente o omitisse. A menos que a omissão tenha sido mecânica e acidental.

### Conclusões

Confrontando a parte da *Estória do Santo Graal* (LJA) conservada pelo testemunho do séc. XIII do Arquivo Distrital do Porto com o texto correspondente do manuscrito quinhentista da Torre do Tombo uma primeira ideia se torna saliente: ambos contêm a mesma narrativa com os mesmos acidentes e, pese embora o lapso temporal que os separa, aparentam-se literalmente de uma forma muito significativa. Apesar disso, evidenciam também pontos de discordância e divergência. A primeira questão a que quisemos responder, ou seja, se seria possível que o fragmento mais antigo constituísse um antecedente do testemunho mais recente, ficou conve-

nientemente elucidada com o recurso aos testemunhos franceses mesmo que a respectiva representatividade no seio da tradição manuscrita a que pertencem seja limitada. A resposta é claramente negativa. Tanto ST como TT alternam na transmissão de lições que encontram apoio nas versões francesas colacionadas, o que significa que tanto um como o outro se podem aproximar do que terá sido a tradução efectuada no séc. XIII que os antecedeu. Nenhum pode ser antecedente do outro, o que, sendo manifesto para o caso de TT, não o era tanto para ST, sendo mesmo inexistentes, à partida, impedimentos a que se considerasse poder ser este o original da dita tradução.

Na realidade, a colação evidencia vários factos e leva à ponderação de algumas circunstâncias. No plano dos factos, para além de estas duas redacções representarem dois ramos distintos do *stemma codicum* da tradução portuguesa da *Estória do Santo Graal* (LJA), há que ter em conta as lições ausentes das versões francesas que ambos transmitem. São relativamente abundantes e se, em alguns casos, resultam provavelmente de particularidades que remontam ao texto francês a partir do qual a tradução foi realizada (7, 12), noutros são específicas do texto traduzido, podendo mesmo assumir a forma de verdadeira interpolação como sucede com o apontamento respeitante aos nexos de parentesco tio/sobrinho constantes de (8). Todas atestam que, no específico âmbito textual, ambos os testemunhos partilham um mesmo antecedente, ou seja, a redacção original da tradução galego-portuguesa. As lições privativas de ST são particularmente significativas e suscitam pistas de investigação novas, nomeadamente visando elucidar a permeabilidade à linguagem trovadoresca ou a certos mecanismos da narrativa em verso que nele se manifestam<sup>18</sup>.

Por outro lado, alguns *loci* em que ST e TT divergem tanto entre si quanto dos testemunhos franceses colacionados podem ser reveladores de aspectos interessantes da perdida tradução original, nomeadamente de algumas falhas contidas nesse texto, ou de redacções demasiado próximas do original francês para poderem ser convenientemente compreendidas no âmbito de cópias realizadas fora dos ambientes onde esta língua se dominava ainda com desenvoltura (2, 3, 13).

---

<sup>18</sup> Poderá a forma verbal “a lymagê”, que nele ocorre (2), significar que ainda foi influenciado pela grafia dos originais franceses?

---

No tocante à questão que directamente motiva o presente estudo, ou seja, apurar qual a configuração do arquétipo da tradução galego-portuguesa da *Estória do Santo Graal* (LJA), o trabalho de confronto entre os testemunhos peninsulares e destes com as versões francesas chamadas à colação, So e Po, indica que, por um lado, os textos portugueses se aproximam literalmente da versão breve contida em So e, por outro, inserem matéria que está omissa nesta versão, encontrando-se, todavia, na versão mista contida em Po. Do confronto efectuado na porção de texto contida em ST podemos mesmo avançar um pouco mais, caracterizando a versão da *Estoire del Saint Graal* que está na base da tradução portuguesa como um texto cuja redacção era, em certos pontos, ainda mais breve do que a de So (6, 12), embora também contemplasse regularmente desenvolvimentos que virão a estar presentes, de uma forma amplificada, na versão mista contida em Po. Apesar disso, como se observou atrás, esse texto podia também comportar já pequenos detalhes que não se encontram nas versões francesas consideradas.

#### **Notas à transcrição de S:**

- [1] Dias (2007): *com* [ ]; ms: *tomou*.
- [2] Dias (2007): *a* [j]ymagê; ms: *a lymagê*.
- [3] Dias (2007): *Deus*; ms: *Deos*.
- [4] O revisor acrescentou mais um *a* em tinta vermelha.
- [5] Dias (2007): *fazer*; ms: *sacar*.
- [6] Dias (2007): *rrey*; ms: *rrê*.
- [7] O revisor acrescentou um *a* em tinta vermelha.
- [8] Dias (2007): *depoys*; ms: *despoys*.
- [9] Dias (2007) é [\*ho]omê; ms: *omê*.
- [10] Ms: *se esmaya*.
- [11] Ms: *ca*.
- [12] Ms: *ome*.
- [13] Dias (2007): [*coyta*]; ms: *cuyra*.
- [14] Dias (2007): *dyzya*; ms: *dizya*.
- [15] Dias (2007): *desesperança*; ms: *desasperança*.
- [16] ms: *quanto*.
- [17] Dias (2007): *uo*; ms: *boo*.
- [18] O manuscrito transmite este vocábulo a vermelho.

## Bibliografia

### Textos manuscritos e impressos:

- ST — Arquivo Distrital do Porto NOT / CNSTS 01 / 001 / 0012; ver também Dias (2007).
- TT — Ms. 643 da Torre do Tombo; ver também Carter (1967).
- CEMD — *Cantigas d'Escarnho e de Mal Dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*, ed. crítica por M. Rodrigues Lapa, Coimbra, Galaxia, 1965.
- Po — *L'Estoire del Saint Graal*, ed. par Jean-Paul Ponceau, 2 vols., Paris, Honoré Champion Éditeur, 1997.
- So — *The Vulgate Version of the Arthurian Romances*, vol. I, *Lestoire del Saint Graal*, ed. H. Oskar Sommer, Washington, The Carnegie Institution of Washington, 1909.

### Estudos, dicionários e glossários:

- Blecuca, Alberto (1983), *Manual de crítica textual*, Madrid, Editorial Castilia.
- Bogdanow, Fanni (1960), "The Relationship of the Portuguese Josep Abarimatia to the Extant French mss. of the Estoire del Saint Graal" in *Zeitschrift für romanische Philologie*, 76, pp. 343-75.
- Carter, Henry Hare (1967), *The Portuguese Book of Joseph of Arimathea, Pelographical Edition*, Chapel Hill, University of North Carolina Press.
- Castro, Ivo (1983), "Sobre a Data da Introdução na Península Ibérica do Ciclo Arturiano da Post-Vulgata", *Boletim de Filologia*, XXVIII, 1, pp. 81-98.
- Castro, Ivo (1984), *Livro de José de Arimateia. (Estudo e Edição Crítica do Códice ANTT 643)*, Universidade de Lisboa (dissertação policopiada), Lisboa.
- Catalán, Diego (1962), *De Alfonso X al Conde de Barcelos*, Madrid, Editorial Gredos.
- Dias, Aida Fernanda (2007), «A matéria da Bretanha em Portugal: relevância de um fragmento pergamináceo», *Revista Portuguesa de Filologia, Miscelânea de estudos in memoriam José G. Herculano de Carvalho*, Coimbra, vol. XXV, Tomo I, pp. 145-221.
- Entwistle, William J. (1942), *A Lenda Arturiana nas Literaturas da Península Ibérica*, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa.
- Godefroy, Frédéric (1982), *Dictionnaire de l'ancienne langue française du IXe au XVe siècle*, 10 vols., Genève/Paris, Slatkine (reimpr. da edição de 1891/1902).
- Houaiss, Antônio, Villar, Mauro de Salles (2003), *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, 3 vols., Lisboa, Temas e Debates.
- Lorenzo Grádin, Pilar/ Souto Cabo, J. A. (2001), *Livro de Tristan e Livro de Merlin. Estudio, edición, notas e glossario*, Santiago de Compostela, Centro Ramón Piñero/ Xunta de Galicia.

- Lorenzo, Ramón (1977), *La traducción galega de la Cronica General y de la Cronica de Castela*, vol. II *Glosario*, Orense, Instituto de Estudios Orensanos "Padre Feijoo".
- Maia, Clarinda de Azevedo (1986), *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/ Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnologia.
- Márquez Villanueva, Francisco (2004), *El concepto cultural alfonsí*, Barcelona, Edicions Bellaterra.
- Mattoso, José (1999), "A transmissão textual dos livros de linhagens", in *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*, org. Isabel Hub Faria, Lisboa, Edições Cosmos, pp. 565-584.
- Meyer-Lübke, Wilhelm (1935), *Romanisches etymologisches wörterbuch*, Heidelberg, Carl Winters Universitätsbuchhandlung.
- Michaëlis de Vasconcelos, Carolina (1920), "Glossário do Cancioneiro da Ajuda", *Revista Lusitana*, XXIII, 1-4, pp. 1-95 (posteriormente incorporado no *reprint* do *Cancioneiro da Ajuda*).
- Michaëlis de Vasconcelos, Carolina (1990), *Cancioneiro da Ajuda*, 2 voll., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda (*reprint* da edição de Halle, 1904).
- Miranda, José Carlos Ribeiro (1998a), *Conto de Perom, o Melhor Cavaleiro do Mundo*, Porto, Granito.
- Miranda, José Carlos Ribeiro (1998b), *Galaaz e a Ideologia da Linhagem*, Porto, Granito.
- Nascimento, Aires A. (2008), "As voltas do *Livro de José de Arimateia*: em busca de um percurso, a propósito de um fragmento trecentista recuperado" in *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, n.º 5, pp. 129-140.
- Nunes, Irene Freire, (1995), *A Demanda do Santo Graal*, Lisboa, I.N.C.M..
- Sánchez-Prieto Borja, Pedro (1998), *Cómo editar los textos medievales. Criterios para su presentación gráfica*, Madrid, Arco Libros.
- Sharrer, Harvey L. (1977), *A Critical Bibliography of Hispanic Arthurian Material*, I, London, Grant and Cutler.